



A Santa Sé

LITURGIA DA PALAVRA
PRESIDIDA PELO PAPA FRANCISCO
PARA O DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO

Basílica Vaticana
Terça-feira, 1º de Setembro de 2015

[Multimídia]

HOMILIA DO PADRE RANIERO CANTALAMESSA
PREGADOR DA CASA PONTIFÍCIA

Abençoando-os, Deus disse-lhes «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem na terra» (Gn 1, 28).

Estas palavras em tempos recentes suscitaram uma forte crítica. Elas, escreveu alguém, ao atribuir ao homem um domínio indiscriminado sobre o restante da natureza, estão na origem da actual crise ecológica. Inverteu-se a relação do mundo antigo, sobretudo dos gregos, que via o homem em função do cosmos e não o cosmos em função do homem (Lynn White, *The historical roots of our ecologic crisis* em «Science», 1967 e em «Ecology and religion in history», 1974).

Penso que esta crítica, como tantas análogas dirigidas ao texto bíblico, tem início no facto de que se interpretam as palavras da Bíblia à luz de categorias seculares que lhe são alheias. «Dominai» neste caso não tem o significado que o termo assume fora da Bíblia. Para a Bíblia, o modelo último do *dominus*, do senhor, não é o soberano político que explora os seus súbditos, mas é o próprio Deus, Senhor e pai.

O domínio de Deus sobre as criaturas certamente não é finalizado ao próprio interesse, mas ao

das criaturas que ele cria e protege. Existe um paralelismo evidente: Deus é o *dominus* do homem, o homem deve ser o *dominus* do restante da criação, isto é, responsável por ela e seu guardião. O homem foi criado para ser «à imagem e semelhança de Deus», não de padrões humanos. O sentido do domínio do homem é explicitado pela continuação do texto: «O Senhor levou o homem e colocou-o no jardim do Éden para que o cultivasse e, também, *o guardasse*» (Gn 2, 15). Isto é expresso muito bem na prece Eucarística iv na qual dizemos dirigindo-nos a Deus: «À vossa imagem formastes o homem, às suas mãos laboriosas confiastes o universo para que na obediência a vós, seu criador, exercesse o domínio sobre toda a criação».

Portanto, a fé num Deus criador e no homem feito à imagem de Deus, não é uma ameaça, mas uma garantia para a criação, e a mais forte de todas. Diz que o homem não é dono absoluto das outras criaturas; deve prestar contas por aquilo que recebeu. Aqui a parábola dos talentos tem uma aplicação primordial: a terra é o talento que todos juntos recebemos e pelo qual devemos prestar contas.

A ideia de uma relação idílica entre o homem e o cosmos, fora da Bíblia, além de tudo, é uma invenção literária. A opinião dominante entre os filósofos pagãos do tempo tendia a fazer do mundo material, seguindo o exemplo de Platão, o produto de um deus de segunda categoria (o *Deuteros theos*, o Demiurgo), ou até, como dirá Marcião de Sinope, obra de um deus malvado, diferente do Deus revelado por Jesus Cristo. O anseio era libertar-se da matéria, não libertar a matéria. Visão que no tempo de Francisco de Assis revivia na heresia dos cátaros.

Uma prova de que não foi a visão bíblica que favoreceu a prevaricação do homem sobre a criação é que o mapa da poluição não coincide com o da difusão da religião bíblica nem de outras religiões, mas com a de uma industrialização selvagem, voltada só para o lucro, e com a da corrupção que abafa todas as contestações e resiste a todos os poderes.

Ao lado da grande afirmação que homens e coisas provêm de um princípio único, a narração bíblica põe em evidência, isto sim, uma hierarquia de importância que é a mesma da vida e que vemos inscrita em toda a natureza. O mineral serve o vegetal que dele se nutre, o vegetal serve o animal (é o boi que come o capim não o contrário!), e todos servem a criatura racional que é o homem.

Esta hierarquia é a favor da vida não contra ela. Por exemplo, ela é violada quando se fazem compras insensatas para alguns animais (e não certamente para os que estão em perigo de extinção!), enquanto se deixam morrer de fome e de doenças milhões de crianças sob os próprios olhos. Alguém gostaria de abolir totalmente a hierarquia entre os seres, estabelecida pela Bíblia e ínsita na natureza. Chegaram até a idealizar e desejar um universo futuro que deixou de ter a presença da espécie humana, considerada prejudicial para o restante da criação. Isto é chamado «ecologia profunda» (é o caso do site VHEMT — *Voluntary human extinction movement*). Mas claramente isto é um contra-senso. Seria como se uma imensa orquestra fosse obrigada a

executar uma maravilhosa sinfonia, mas no vazio total, sem que alguém a ouça e os próprios músicos fossem surdos.

Como é tranquilizador, neste contexto, ouvir de novo as palavras do salmo 8 que queremos fazer nossas nesta vigília de oração: «Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a lua e as estrelas que Vós fixastes; que é o homem, para vos lembrardes dele, o Filho do homem, para dele cuidardes? Contudo, pouco lhe falta para que seja um ser divino; de glória e de honra o coroastes. Destes-lhe domínio sobre as obras das vossas mãos. Tudo submetestes debaixo dos seus pés; os rebanhos e o gado sem excepção, até mesmo os animais bravos; as aves do céu e os peixes do mar, tudo o que atravessa os caminhos do mar. Ó Senhor, nosso Deus, como é grande o vosso Nome em toda a terra!».

Francisco foi a prova viva da contribuição que a fé em Deus pode dar ao esforço comum para a salvaguarda da criação. O seu amor pelas criaturas foi uma consequência directa da sua fé na paternidade universal de Deus. Ainda não havia as razões práticas que temos hoje para nos preocupar pelo futuro do planeta: poluição atmosférica, escassez de água potável... A sua foi uma ecologia pura sem as finalidades utilitaristas, apesar de legítimas, que nós hoje temos. As palavras de Jesus «Um só é o vosso Pai, aquele celeste; sois todos irmãos» (cf. *Mt 23, 8-9*), eram-lhe suficientes. Para ele, não eram um princípio abstracto; mas o horizonte constante dentro do qual vivia e pensava. Fortalecido por esta certeza, ele quis pôr o mundo inteiro «em estado de fraternidade e de louvor».

As fontes franciscanas referem-nos os sentimentos com os quais Francisco se pôs a escrever o seu cântico: «Gostaria, por louvor a Deus e para a minha consolação e edificação do próximo, de compor um novo *Louvor ao Senhor* pelas suas criaturas. Diariamente utilizamos as criaturas e sem elas não podemos viver, e nelas o género humano ofende muito o Criador. E todos os dias nos mostramos ingratos em relação a este grande benefício e não o louvamos como deveríamos ao nosso Criador e dador de todo o bem». Sentou-se e pôs-se a reflectir, dizendo em seguida: «Altíssimo, todo-poderoso, bom Senhor...» (*Leggenda Perugina*, 43 «Fontes Franciscanas», 1592).

As palavras do santo que define como bom o sol, bom irmão o fogo, claras e bonitas as estrelas, são o eco daquele «E Deus viu que tudo era bom», da narração da criação.

O pecado de fundo contra a criação, que precede todos os outros, é não ouvir a sua voz, condená-lo irremediavelmente, diria São Paulo, à vaidade, à insignificância (cf. *Rm 8, 18 s.*). O próprio Apóstolo fala de um pecado fundamental que se chama impiedade, ou «sufocar a verdade». Diz que é o pecado de quem «embora conhecendo Deus não lhe louva nem lhe dá acção de graças» como convém a Deus. Portanto, não é só o pecado dos ateus que negam a existência de Deus, é também o pecado dos crentes de cujos corações nunca saiu um entusiasmado «Glória a Deus nas alturas», nem um comovido «Graças a ti, Senhor». A Igreja

põe-nos nos lábios as palavras para o fazer quando, no Glória da Missa, dizemos: «Nós te louvamos, te bendizemos, te adoramos, te gloficamos, te damos graças pela tua glória imensa».

«Os céus e a terra — diz com frequência a Escritura — estão cheios da sua glória». Estão, por assim dizer, grávidos. Mas eles não podem, sozinhos, «eximir-se». Como a mulher grávida, têm necessidade das mãos hábeis de uma obstetra para dar à luz aquilo de que estão «grávidos». E deveríamos ser nós estas «obstetras» da glória de Deus. Quanto teve que esperar o universo, que longo impulso deve ter dado, para chegar a este ponto! Milhões e biliões de anos, durante os quais a matéria, através da sua opacidade, progredia com dificuldade rumo à luz da consciência como a linfa que do subsolo vem para cima da árvore para se expandir em flor e fruto. Esta consciência finalmente foi alcançada, quando apareceu no universo «o fenómeno humano». Mas agora que o universo alcançou a sua meta, exige que o homem cumpra o seu dever, que assuma, por assim dizer, a direcção do coro e entoe para todos o «Glória a Deus nas alturas!».

Francisco indica-nos o caminho para uma mudança radical na nossa relação com a criação: consiste em substituir a posse pela contemplação. Ele descobriu um modo diferente de usufruir as coisas que é contemplá-las em vez de as possuir. Pode beneficiar de todas as coisas, porque renunciou a possuir algumas delas. As fontes franciscanas descrevem-nos a situação de Francisco quando compõe o seu Cântico das criaturas: «Não sendo capaz de suportar a luz natural durante o dia, nem a claridade do fogo durante a noite, ficava sempre na obscuridade em casa e na cela. Não só, mas sofria dia e noite dores atrozes nos olhos, que quase não podia repousar nem dormir, e isto aumentava e piorava estas e outras enfermidades» (*Leggenda Perugina*, 1614; «Fontes Franciscanas», 1591).

Francisco cantou a beleza das criaturas quando já não podia ver nenhuma delas e aliás a simples luz do sol ou do fogo causavam-lhe dores atrozes! A posse exclui, a contemplação inclui; a posse divide, a contemplação multiplica. Se um só possuir um lago, um parque, os outros ficarão excluídos; se milhares de pessoas contemplarem aquele lago ou parque, todos beneficiarão sem privar ninguém dele. Trata-se de uma posse mais verdadeira e profunda, uma posse dentro, não fora, com a alma, não só com o corpo. Quantos latifundiários pararam para admirar uma flor dos seus campos ou acariciar uma espiga do seu trigo? A contemplação permite possuir as coisas sem as açambarcar.

O exemplo de Francisco de Assis demonstra que a atitude religiosa e dossológica em relação à criação tem consequências práticas e concretas; não é algo feito no ar. Impele também a gestos concretos. O primeiro biógrafo do Santo referiu alguns dos gestos concretos do Pobrezinho: «Abraça todos os seres criados com um amor e uma devoção que nunca se viu antes [...]». Quando os frades cortam a lenha, proíbe que cortem a árvore toda, para que possa ter novos brotos. E ordena que o hortelão deixe incultos os confins ao redor da horta, a fim de que a seu tempo o verde das ervas e o esplendor das flores cantem como é bom o Pai de toda a criação. Deseja também que na horta um canteiro seja reservado às ervas officinais e que produzem flores

para que evoquem a quem as observa a recordação da suavidade eterna. Até recolhe pelos caminhos os pequenos vermes, para que não sejam pisados e às abelhas quer que se ofereçam mel e bom vinho, para que não morram de fome no rigor do inverno» (Celano, *Vita Seconda*, 165).

Algumas das suas recomendações parecem escritas hoje, sob a pressão dos ambientalistas. Um dia ele disse: «Não quero ser ladrão de esmolas» (Celano, *Vita Seconda*, 54), significando, receber mais do que o devido, subtraindo a quem teria mais necessidade do que ele. Hoje esta regra poderia ter uma aplicação muito útil para o futuro da terra. Também nós deveríamos propor-nos: não quero ser ladrão de recursos, usando-os mais que o devido e subtraindo a quem virá depois de mim.

Certamente, Francisco não tinha a visão global e planetária do problema ecológico mas uma visão local, imediata. Pensava naquilo eventualmente podia fazer ele e os seus frades. Contudo, também com isto nos ensina algo. Um slogan hoje muito em voga diz: *Think globally, act locally*, pensa de modo global e age localmente. Que sentido tem, por exemplo, irar-se contra quem polui a atmosfera, os oceanos e as florestas, se não hesito lançar à margem de um rio ou do mar um saquinho de plástico que permanecerá ali por séculos, se alguém não o recuperar, se lanço em qualquer lugar, estradas ou bosques, o lixo que me incomoda ou se sujo as paredes da minha cidade?

A salvaguarda da criação, como a paz, faz-se, diria o nosso Santo Padre Francisco, «artesanalmente», começando por nós mesmos. A paz começa em cada um, repete sempre nas mensagens para o dia da paz; também a salvaguarda da criação começa por nós. Foi o que um representante ortodoxo afirmou já na Assembleia ecuménica de Basileia de 1989 sobre «Justiça, paz e salvaguarda da criação»: «Sem uma mudança do coração do homem, a ecologia não tem esperança de sucesso».

Concluo a minha reflexão. Poucas semanas antes da sua morte são Francisco acrescentou uma estrofe ao seu Cântico, que inicia com as palavras: «Laudato sii, mi Signore, per quelli che perdonano per lo tuo amore» (*Leggenda Perugina*, 84). Penso que se vivesse hoje ele teria acrescentado outra estrofe ao seu cântico: Laudato sii, meu Senhor, por quantos trabalham para proteger nossa irmã mãe Terra, cientistas, políticos, chefes de todas as religiões e homens de boa vontade. Laudato sii, meu Senhor, por aquele que, juntamente com o meu nome, assumiu também a minha mensagem e está a difundi-la hoje em todo o mundo!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana